

36° Encontro Anual da Anpocs

24 – O pluralismo na teoria social contemporânea

**NORBERT ELIAS E SIGMUND FREUD: CIVILIZAÇÃO,
REPRESSÃO E INCONSCIENTE EM *O PROCESSO CIVILIZADOR***

BRUNA ALINE SCARAMBONI

Introdução

Em um dado momento de sua última entrevista publicada em *Norbert Elias, por ele mesmo* (2001: 79), Elias diz: “sempre achei que era preciso desenvolver a teoria que Freud nos legou”. Ele recordava-se de sua experiência em Gana, nos anos 60, onde observou costumes, inúmeras formas de comportamentos e pôde perceber as diferenças que existem entre estruturas sociais e os padrões de conduta e emoções a elas correspondentes. Segundo a teoria eliasiana dos processos de civilização, a diferentes níveis de divisão e diferenciação das funções sociais e graus de interdependência entre as pessoas correspondem estruturas psicológicas específicas. Para Elias, não faz qualquer sentido conceber um modelo universal do psiquismo, válido para todos os períodos históricos, todas as formas de sociedade e os diferentes estágios de desenvolvimento de uma mesma sociedade. Cada estrutura social gera mudanças psicológicas e formas específicas de controle interno (autocontrole), de expressão das emoções e de consciência (“razão”)¹. É nesse sentido que Elias alude à necessidade e ao seu desejo de desenvolver os ensinamentos de Freud sob uma perspectiva histórica e processual.

Elias fez poucas referências a Freud, considerando a forte presença da Psicanálise percebida em suas produções. Somente nas últimas décadas de vida, ele demonstrou publicamente reconhecer a importância da Psicanálise freudiana em sua teoria sociológica e especialmente em seu estudo sobre os processos civilizadores. Em uma entrevista concedida a Roger Chartier, no ano de 1985, Norbert Elias deixou bastante claro o lugar da Psicanálise em sua obra, especialmente em *O processo civilizador*²:

¹ A respeito do caráter processual e mutável da estrutura psicológica e sua relação com a dinâmica social ver *O Processo civilizador* (ELIAS, 1993; 2011), *Le concept freudien de société et au-delà* (1990); *Sociologie et Psychiatrie (1969-1972)*; *Civilisation et psychosomatique (1988)*. In. Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse (ELIAS, 2010).

² A obra foi originalmente publicada em um único volume, em 1939 – *Über den Prozess der Zivilisation*. ELIAS, Norbert, *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Zahar, 2011 e *O processo civilizador: Formação do estado e civilização*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. Devido às várias circunstâncias desfavoráveis que cercaram a vida pessoal e acadêmica de Elias, e não menos, pela sua própria postura inovadora e fortemente crítica das ideias há muito enraizadas no pensamento e pesquisa nas ciências humanas e na Sociologia, *O processo civilizador* (1993; 2011) foi tardiamente reconhecido. Passaram-se quase três décadas para que a obra de Elias fosse valorizada como uma produção relevante no campo das ciências sociais.

“Sem Freud, eu não poderia escrever o que eu escrevi. Sua teoria foi essencial para meu trabalho e todos os seus conceitos (*eu, supereu, libido*, etc.) são para mim muito familiares. Mas durante sua vida, Freud estudou homens e mulheres que viviam no fim do século XIX e no início do século XX e, ao modo das ciências da natureza, ele forjou seus conceitos como se a estrutura da personalidade que ele observava fosse a mesma em todos os seres humanos. Em Totem e Tabu, Freud dá-se conta de que talvez não é esse o caso, mas a fim de atingir o reconhecimento e legitimidade de seus ensinamentos, ele atribuiu um valor universal a um tipo dado e datado de estrutura de personalidade. Ir além de Freud, cientificamente falando, consiste em reconhecer as transformações que afetaram o desenvolvimento da personalidade humana, e em pensar que em um mundo no qual o saber sobre o mundo natural não era o mesmo que o nosso – presença obsessiva de medos e ansiedades -, a estrutura da personalidade não pode ser a mesma dos homens do século XX. Daí a necessidade de se empregar outros termos e conceitos diferentes daqueles de Freud para caracterizar as economias psíquicas antigas. Por exemplo, não se pode falar de um *superego* do homem medieval. O problema consiste em compreender como e porque emergiu progressivamente a estrutura de personalidade descrita por Freud”. (CHARTIER, 1985, tradução minha).

Nas últimas linhas, o problema a que Elias alude remete evidentemente ao tema central de *O Processo civilizador*: “os tipos de comportamento considerados típicos do homem civilizado ocidental” (ELIAS, 2011: 13). Elias parte da premissa de que Freud atribuiu um valor universal a um tipo « dado e datado » de estrutura psíquica ou de personalidade, tal como o indivíduo moderno civilizado. Elias aponta para a necessidade de « ir além de Freud ». O que significa, para Elias, ir além de Freud ? Antes de tudo, significa conceber a estrutura mental e emocional dos seres humanos em um processo lento e contínuo (não sem retrocessos) de desenvolvimento que remonta ao processo evolutivo desde suas origens animais (ELIAS, 2010: 145). Nessa perspectiva, o conceito de *superego* desenvolvido por Freud, característico de um tipo de funcionamento psíquico do indivíduo moderno civilizado, certamente não pode ser usado a fim de explicar um tipo de estrutura psíquica desenvolvida em outros períodos históricos : « [...] não se pode falar, por exemplo, de um *superego* do homem medieval ». Diante disso, Elias aponta para a necessidade de se empregar outros termos e conceitos que permitem apreender as diferenças e formas peculiares de estrutura psicológica em configurações sociais diferentes no tempo e no espaço.

Sob uma perspectiva processual e histórica, Elias propõe uma releitura das contribuições freudianas a respeito do funcionamento do psiquismo e do desenvolvimento do indivíduo, desde recém-nascido até a idade adulta. A concepção

processual de ser humano³ defendida por Elias, está estreitamente ligada ao modelo freudiano de indivíduo considerado desde a tenra infância até a idade adulta (ELIAS: 2010: 131). Elias sustenta que no curso do desenvolvimento da humanidade, a personalidade também passa por transformações. O que implica em mudanças significativas nas formas de pensar, agir e sentir, e nos modos de comportamento, desde o período medieval, passando pelo século XIX até nossos dias.

Para além de ser um herdeiro do pensamento freudiano, Elias não se furtou a um olhar questionador e crítico das ideias de Freud (LAHIRE, 2010: 188). Repensou as formulações e conceitos psicanalíticos no sentido de inscrever no processo histórico o *superego*, o *ego*, a *libido*, a *repressão* e o *inconsciente*. Seguindo a lógica de sua Sociologia dos processos, apropriou-se de forma própria e autônoma de alguns pressupostos psicanalíticos e desenvolveu-os em seu estudo sobre o *processo civilizador*.

Em *Le concept freudien de société et au-delà*⁴ (ELIAS, 2010), texto de 1990, Norbert Elias revela, de forma explícita, o quanto é devedor dos ensinamentos de Freud, e declara a sua posição em relação à Psicanálise freudiana. Encontram-se nesse texto inúmeros elementos que nos remetem ao seu trabalho, publicado em 1939, *O processo civilizador*⁵, obra que o situou entre os mais notáveis e polêmicos sociólogos contemporâneos. A investigação empreendida em *O processo civilizador* tem como fim apreender como, porque, e em que direção as sociedades ocidentais transformaram-se em suas formas de comportamento e expressão das emoções, mostrando as transformações de personalidade e das estruturas sociais em um período da história da humanidade que

³ Com a noção de que os indivíduos nascem crianças e tornam-se adultos, longe de ser uma assertiva óbvia, Elias questiona a concepção dominante de indivíduo na Sociologia, considerado a partir de um conceito estático (ou não-processual). O indivíduo concebido tradicionalmente na Sociologia é aquele, segundo Elias (2010: 131), que não tem história, nem passado – que já nasce adulto.

⁴ Norbert Elias produziu uma série de textos que versam sobre a relação entre especialidades científicas como, por exemplo, a Sociologia, Psicanálise e Psiquiatria. Um desses textos a que faço referência é originalmente parte de um manuscrito de uma centena de páginas intitulado *Freud's concept of society and beyond* de 1990, encontrado nos arquivos Norbert Elias, em Marbach, Alemanha, originalmente em inglês. A versão inglesa foi devidamente editada e publicada em francês com o título *Le concept freudien de société et au-delà* (ELIAS, 2010) e integra o livro *Au-delà de Freud: sociologie, psychologie, psychanalyse* (ELIAS, 2010).

⁵ *O processo civilizador*, considerado a obra magna de Norbert Elias, foi publicado em 1939, na Suíça, em meio a grandes dificuldades e turbulências sociais e políticas do período. Originalmente a obra foi publicada em alemão com o título *Über den Prozess der Zivilisation* em um único volume. Devido às várias circunstâncias desfavoráveis que cercaram a vida pessoal e acadêmica de Elias, e não menos, pela sua própria postura inovadora e fortemente crítica das ideias há muito enraizadas no pensamento e pesquisa nas ciências humanas e na Sociologia, *O processo civilizador* (1993; 2011) foi tardiamente reconhecido.

compreende alguns séculos, que se estende desde o período medieval até fins do século XIX.

Uma leitura atenta dos dois trabalhos permite identificar aspectos que ligam um ao outro. Em ambos, Elias aborda problemas semelhantes como a relação entre estrutura psíquica e estrutura social, que é uma das principais questões de Elias e onde encaixa-se a leitura e releitura da Psicanálise freudiana. Além disso, o texto *O conceito freudiano de sociedade e além* (ELIAS, 2010) fornece elementos que contribuem para tornar mais claro o pensamento sociológico de Elias, e a sua teoria dos processos de longa duração. Ao longo de sua vida, Elias dedicou-se, por um lado, a aprofundar sua teoria, estudando e discutindo temas diversos, e por outro lado, a responder críticas feitas a ele e sua teoria, no sentido de esclarecer pontos que ficaram confusos ou que suscitaram mal-entendidos. Alguns de seus últimos escritos constituem-se, portanto, no esforço de Elias para rever, reformular e tornar mais claros seus princípios e sua teoria. Por isso considero o texto de 1990, última produção de Elias, de grande interesse para um trabalho que se propõe a fornecer algumas sugestões acerca da presença da Psicanálise freudiana em O Processo civilizador.

A discussão tecida por Elias em *O conceito freudiano de sociedade e além* e que perpassa todas as sessões segue uma unidade lógica, que nos remete a problemas bastante caros ao sociólogo alemão, como as relações entre indivíduo e sociedade, e ao seu projeto de construção de um conhecimento que integre a dimensão biológica, psíquica, histórica e social, da existência dos seres humanos. É nesse âmbito que se fundamenta a leitura de Elias da teoria freudiana. O problema da relação entre indivíduo e sociedade e a discussão acerca da relação entre natureza e cultura constituem-se nos principais eixos da discussão desenvolvida por Elias. A análise crítica de Elias pauta-se na ideia de que existe na teoria de Freud um antagonismo nas relações indivíduo/sociedade e natureza/cultura. A construção de sua análise parte do princípio de que as entidades indivíduo e sociedade constituem-se em universos bem delimitados e independentes. O mesmo vale para natureza e cultura, cuja relação é vista na mesma lógica da relação indivíduo e sociedade: como partes separadas e independentes uma da outra. Elias pretende, antes de tudo, analisar criticamente o conceito de sociedade de Freud, e acaba por ir além; propõe uma reorientação dos conceitos freudianos, e pode-se dizer da própria teoria freudiana. Em outras palavras, Elias nos apresenta uma nova elaboração das ideias freudianas sob a perspectiva de uma lógica da Sociologia dos

processos. É importante ressaltar que os posicionamentos críticos de Elias remete-nos ao *Mal-estar na civilização*, obra com a qual ele dialoga diretamente e é considerada, portanto, como referência central da leitura eliasiana de Freud.

Resistente às pressões da especialização, Elias buscou ultrapassar em suas investigações os limites entre as disciplinas, através da integração de uma perspectiva histórica a modelos sociológicos, incorporando saberes da Psicologia e da Psicanálise, bem como de outros domínios. Elias assumiu como tarefa, enquanto sociólogo, construir uma ciência pluridisciplinar. Nessa perspectiva, Elias articula as dimensões da evolução biológica, dos processos histórico-sociais e da evolução psíquica individual. Elias propôs um projeto ambicioso de ciência a partir da articulação de várias disciplinas, ainda que para isso o preço tenha sido o reconhecimento tardio e um lugar relativamente marginal na Sociologia. Para ele, o avanço do conhecimento científico sobre nós mesmos depende da ampliação de um espaço comum em que estejam integrados os conhecimentos das várias disciplinas que tenham como objeto a existência e os fenômenos humanos (LAHIRE, 2010: 208).

Na tentativa de romper com uma imagem de homem fundada no *homo clausus*, Elias pensa que não faz sentido insistirmos em uma visão de ser humano e da vida social que separa a dimensão psíquica, ou estrutura de personalidade (nível individual), da estrutura social (nível da coletividade ou complexo de figurações) (LAHIRE, 2010: 208). Seu projeto consistia, portanto, em construir um modelo de explicação “tridimensional”⁶ da vida humana, em que as dimensões biológica, psíquica e social estão integradas (ELIAS, 2010: 166; JOLY, 2010: 13-14). O projeto eliasiano de construir pontes entre as disciplinas, assim como de uma visão abrangente da existência e fenômenos humanos, remonta, portanto, desde a publicação de sua obra fundamental, *O Processo civilizador* (ELIAS, 1993; 2011) até suas últimas publicações, como *O conceito freudiano de sociedade e além* de 1990 (ELIAS, 2010).

⁶ O termo “tridimensional” foi usado aqui na tentativa de caracterizar com clareza o modelo de explicação da vida humana elaborado por Elias. Este termo foi utilizado por Marc Joly em sua apresentação dos textos de Elias que integram *Au-delà de Freud... (Além de Freud...)* (ELIAS, 2010), assim como, foi utilizado em *O conceito freudiano de sociedade e além* (1990) (ELIAS, 2010). No entanto a autora do presente trabalho desconhece se Elias fez ou não uso desse termo ou se foi introduzido pelos tradutores. Cito a passagem de *O conceito freudiano de sociedade e além* (1990) em que o termo aparece: “Em suma, não apenas a regulação da fala (parole) sob a forma da linguagem, mas também inúmeras outras formas de autorregulação, a regulação pulsional em primeiro lugar, requer um modelo de explicação tridimensional” (ELIAS, 2010: 166, tradução minha).

Como já foi dito, o presente texto está voltado para a presença da Psicanálise freudiana na obra magna de Norbert Elias (1993; 2011) – *O Processo Civilizador*. Desenvolvo uma pesquisa, ainda em curso, a respeito dos modos de apropriação de Elias da Psicanálise freudiana, de onde parto para uma análise crítica da releitura eliasiana de Freud. Por isso limitei-me a fornecer apenas sugestões e apontamentos acerca de alguns aspectos da influência de Freud na Sociologia de Elias, mostrando de maneira geral de que modo os conceitos de *civilização*, *repressão* e *inconsciente* foram apropriados e repensados em *O Processo civilizador*. O interesse deste texto reside na tentativa de mostrar um aspecto diferente da obra a partir de um tema que vem despertando recentemente a atenção dos estudiosos da obra sociológica de Norbert Elias e dos pesquisadores nas Ciências Sociais.

Elias e Freud: *civilização, repressão e inconsciente*

Conforme o próprio Elias diz, o tema fundamental de *O processo civilizador* consiste nos “tipos de comportamento considerados típicos do homem civilizado ocidental” (ELIAS, 2011: 13). O uso do garfo e faca para comer, além de pratos e copos individuais, o hábito de não se despír em público, o modo específico de controle das funções corporais, o hábito manter-se limpo, dentre muitas outras formas de comportamento, são costumes característicos de um indivíduo “civilizado”. Contudo, os tratados de etiqueta estudados por Elias nos mostra que nem sempre o ser humano comportou-se de acordo com esse padrão de conduta que julgamos “civilizado”:

Se um homem da atual sociedade civilizada fosse, de repente, transportado para uma época remota de sua própria sociedade, tal como o período medievo-feudal, descobriria nele muito do que julga “incivilizado” em outras sociedades modernas. Sua reação pouco diferiria da que nele é despertada no presente pelo comportamento de pessoas que vivem em sociedades feudais fora do Mundo Ocidental. Dependendo de sua situação e inclinações, sentir-se-ia atraído pela vida mais desregrada, mais descontraída e aventureira das classes superiores desta sociedade ou repellido pelos costumes “bárbaros”, pela pobreza e rudeza que nelas encontraria. E como quer que entendesse sua própria civilização, ele concluiria, da maneira mais inequívoca, que a sociedade existente nesses tempos pretéritos da história ocidental não era “civilizada” no mesmo sentido e no mesmo grau que a sociedade ocidental moderna (ELIAS, 2011: 13).

Os costumes que julgamos hoje em dia ser “civilizados” como o uso do garfo, por exemplo, substituiu lentamente o hábito de comer com as mãos que passou a ser julgado como um hábito de “bárbaro” ou “incivilizado”. No período medieval não se

encontra a mesma atitude com relação à exposição do corpo ou a mesma “polidez” e “delicadeza” no modo de falar ou de portar-se à mesa. Não existia nesse período, como Elias pôde observar nos tratados de boas e más maneiras, uma preocupação parecida como a que encontramos na sociedade moderna civilizada, em regular as condutas e controlar o próprio comportamento e dos demais. A preocupação de Elias está voltada, desse modo, às formas de comportamento do indivíduo civilizado e ao processo de desenvolvimento dessa forma particular de agir, pensar e sentir, específica às sociedades civilizadas⁷. Diferentes padrões de conduta e de expressão das emoções correspondem por um lado a um tipo específico de estrutura psicológica ou de personalidade e por outro lado, são expressões de uma forma específica de organização dos seres humanos, ou seja, do modo como se relacionam e dependem reciprocamente uns dos outros.

Elias busca confirmar a sua suposição de que há mudanças a longo prazo na expressão das emoções e nas estruturas de controle das pessoas em sociedades específicas, com base nos fatos extraídos da vida prática das pessoas. Elias demonstra em *O Processo Civilizador, Uma História dos costumes* (ELIAS, 2011), as mudanças na estrutura psicológica expressas nas mudanças de expressão das emoções e formas de controle individual, sob a forma de uma linha histórica de desenvolvimento. A questão central do estudo acerca dos *processos de civilização* é entender de que modo e por que a sociedade ocidental passa por transformações nos modos de comportamento, de modo a substituir no curso de seu desenvolvimento um determinado padrão por outro? (ELIAS, 2011: 70). Em suma, como a sociedade ocidental vem se civilizando, ou seja, tornando-se civilizada? Em seus estudos sobre a sociedade de corte Elias pôde perceber que nosso estado atual remonta há outros períodos históricos e formas de organização social e de comportamento. O comportamento “civilizado”, portanto, originou-se e evoluiu a partir daquilo que consideramos “incivilizado”. Tais termos não carregam em si, na sociologia eliasiana, valores como certo e errado, superior, inferior, bem e mal. *Civilizado* e *incivilizado* remetem antes de tudo a fases de desenvolvimento da humanidade (ELIAS,

⁷ O termo “civilizado” não é utilizado na sociologia processual como equivalente a sociedades ocidentais. Os processos civilizadores individuais e sociais não ocorrem somente nas sociedades mais diferenciadas do Ocidente: “Eles são encontrados em todos os casos em que, sob o efeito de pressões competitivas, a divisão de funções torna grande número de pessoas dependentes umas das outras, em todos os casos em que a monopolização da força física permite e impõe uma cooperação menos carregada de emoção, em todos os casos em que se estabelecem funções que exigem constante visão retrospectiva e prospectiva na interpretação das ações e intenções de outras pessoas. O que determina a natureza e o grau desses surtos civilizadores é sempre a extensão das interdependências, o nível da divisão de funções e a estrutura interna das próprias funções”. (ELIAS, 1993: 207).

2011: 70). Isso significa que o modo de comportamento civilizado desenvolveu-se a partir de formas de comportamentos que seriam talvez julgados, conforme o padrão atual de sensibilidade, como repugnantes e “bárbaros” (ELIAS, 2011: 13). Por outro lado, há alguns tipos de comportamento que remontam ao século XIX e que são para nós familiares, como por exemplo, os comportamentos referentes às maneiras à mesa e o uso de garfo e faca para comer.

Elias nos apresenta, no primeiro volume da obra, todo um processo de desenvolvimento civilizatório que pode ser observado nas normas de comportamentos à mesa. O olhar perspicaz de Elias tirou da obscuridade os tratados de etiqueta e códigos de boas e más maneiras produzidos entre o período medieval, passando pelo período de transição entre um regime feudal para o regime absolutista, até fins do século XIX. Ele debruçou-se sobre os tratados de comportamento de origem francesa, inglesa, alemã e italiana e explorou-os como um instrumento de investigação a fim de decifrar a “lógica” dos processos civilizadores. Nos tratados de etiqueta Elias percebeu que as diversas formas de comportamento, como as maneiras à mesa, os comportamentos referentes às funções corporais e ao costume de comer carne, podem ser entendidas como materializações ou objetivações de uma forma específica de organização psicológica e emocional que por sua vez deriva de uma estrutura social particular (ELIAS, 2011: 67). As formas de comportamento, desse modo, correspondem a um tipo de estrutura psicológica ou de personalidade (ELIAS, 2011: 76). Pode-se dizer que todas as formas de conduta, dentre as quais as maneiras à mesa são um segmento, correspondem a um tipo de estrutura social e psicológica e constituem-se em um aspecto específico do processo civilizador, bem como, os processos de racionalização e psicologização (ELIAS, 2011: 77; 234-236). Os tratados de etiqueta, por exemplo, mostram o padrão de relações entre as pessoas, ou seja, como as pessoas estão organizadas e ligadas por laços de dependência recíproca em um período histórico específico.

De modo geral, o *processo de civilização* refere-se, por um lado, às mudanças psicológicas expressas nas condutas e padrão de sensibilidade, no sentido de um maior controle individual das emoções e regulação dos comportamentos, e por outro lado, às transformações na estrutura das sociedades e nos relacionamentos entre as pessoas, ou seja, na forma como o ser humano relaciona-se consigo mesmo e com os outros. Determinados aspectos da concepção eliasiana de civilização ou mais

precisamente, *processo de civilização* remetem a uma passagem de O Mal-estar na civilização que merece ser citada:

“[...] tivemos o cuidado de não concordar com o preconceito de que a civilização é sinônimo de aperfeiçoamento, de que constitui a estrada para a perfeição, preordenada para os homens. Agora, porém, apresenta-se um ponto de vista que pode conduzir numa direção diferente. O desenvolvimento da civilização nos aparece como o processo peculiar que a humanidade experimenta e no qual diversas coisas nos impressionam como familiares. Podemos caracterizar esse processo referindo-o às modificações que ele ocasiona nas habituais disposições instintivas dos seres humanos, para satisfazer o que em suma, constitui a tarefa econômica de nossas vidas. Alguns desses instintos são empregados de tal maneira que, em seu lugar, aparece algo que, num indivíduo, descrevemos como um traço de caráter” (FREUD, 2006a: 103).

Em primeiro lugar, Freud posiciona-se contra uma ideia de civilização, ainda corrente em sua época, concebida como o estágio máximo no desenvolvimento da humanidade ou como ele próprio diz, como sinônimo de aperfeiçoamento. Em Elias (1993; 2011), o termo civilização tem um sentido específico, muito distante das concepções correntes em sua época, em que o sentido do termo ou restringe-se às realizações humanas, ou então se refere a um estado definitivo ou ponto de chegada; ou ainda a uma posição distintiva e “elevada” de um grupo ou uma nação:

“O conceito de civilização não é utilizado nem como uma arma valorativa, ideológica empregada por gerações de historiadores a serviço das aspirações colonialistas do ocidente, nem como um termo genérico usado para referir-se aos níveis atingidos de desenvolvimento econômico, político e social por uma sociedade particular no passado ou no presente”. (FLETCHER, 1997: 7, tradução minha).

Em seguida, Freud caracteriza a civilização como um processo peculiar pelo qual passa a humanidade que pode ser entendido a partir das transformações nas “disposições instintivas dos seres humanos” que, por sua vez, são convertidas em formas compatíveis com as exigências da vida social. Esse processo de transformações a que se refere Freud aparece claramente na discussão eliasiana acerca das modificações nos costumes. A lenta e progressiva substituição do costume de comer com as mãos pelo uso do garfo pode ser entendida como uma manifestação de mudanças na estrutura psicológica dos indivíduos. À medida que avança o processo de civilização, o ser humano torna-se cada vez mais capaz de controle de seus impulsos “animais”. Sob as pressões do controle social, tais “disposições instintivas” não desaparecem, mas são cada vez mais banidas do convívio social e relegadas à esfera mais íntima da vida individual. De maneira muito próxima à concepção freudiana, Elias vê no controle dos “instintos” a

condição de modificação da estrutura psicológica dos seres humanos e de participação na vida em sociedade, conforme as regras e valores externos. Nesse sentido, o conceito de *civilização*, em Elias, remete a um processo que aponta para o fortalecimento progressivo e lento, não sem retrocessos, da autorregulação individual, com o desenvolvimento de instâncias psíquicas de controle das pulsões e dos afetos, que implicam ou na restrição pulsional pura e simples, ou no “desvio desses impulsos de seus fins primários para fins secundários” (ELIAS, 2006 [1986]: 21). O desvio das pulsões implica na transformação de seus objetivos originais ligados às necessidades individuais para objetivos ligados tanto ao desenvolvimento das próprias instâncias autorreguladoras – ego e *superego*, quanto às criações científicas, artísticas e das leis morais e religiosas.

*Civilização*⁸ ou *Cultura*⁸, em Freud remete à reunião dos indivíduos, organizados em grupos e regulados por leis. Para Freud, a tentativa de regular os relacionamentos entre as pessoas consiste em um dos principais elementos de civilização (FREUD, 2006a: 101). Toda e qualquer forma de coletividade requer, portanto, certo grau de controle e ajustamento das relações entre os seres humanos. Para viver em sociedade, os seres humanos são submetidos a um controle, inicialmente externo, cuja função é reprimir e restringir a livre satisfação dos impulsos instintivos e dos desejos. Na ausência de toda e qualquer tentativa de regulação “os relacionamentos ficariam sujeitos à vontade arbitrária do indivíduo [...]” (FREUD, 2006a: 101). A ausência de controle implicaria em uma ordem pré-histórica, regida pela lei do mais forte. O estado da horda primitiva corresponde em Freud à pré-história de toda ordem social (FREUD, 2006a; b). Trata-se de um período indeterminado no tempo e no espaço, em que um único chefe exercia o domínio sobre um conjunto de homens e mulheres pelo uso da força. O chefe da horda, por ser o homem mais forte, tomou exclusivamente para si mesmo a posse das mulheres da horda, permitindo-se satisfazer livremente as próprias necessidades instintivas⁹, sem qualquer limite (FREUD, 2006a; b). Aqueles que se revoltavam contra a

⁸ No que se refere ao uso do conceito, cabe ressaltar que civilização tem sentido equivalente ao termo cultura. Freud não faz qualquer distinção entre ambos, diferentemente de Elias que desenvolveu uma sociogênese das diferenças entre *Kultur* (cultura) e *Civilization* (civilização) em O processo civilizador – Uma História dos costumes.

⁹ Utilizo o termo “instintivo” em vez de pulsional ou pulsões, pois me refiro a um estado anterior a uma ordem social humana, propriamente dita. No estado da horda primitiva o homem está mais próximo da vida animal que da vida humana. Esta só existe, segundo Freud, a partir da regulação da satisfação das necessidades e desejos e das relações entre os indivíduos. Adota-se aqui a posição de tradutores que concebem o termo *Trieb*, em alemão como pulsões, diferentemente de *Instinct* que se refere a instintos. O termo *instinto* está associado às necessidades animais dos seres humanos, como por exemplo, a

ordem tirânica, eram duramente punidos com a castração. Segundo Freud, a vida em coletividade é possível somente se uma maioria reunida por um interesse comum organiza-se a serviço do todo, voltando-se assim, contra os interesses egoístas dos indivíduos isolados (FREUD, 2006a: 101). O poder da comunidade, fundado no Direito e representado pelas leis sociais, opõe-se ao poder individual que, nos termos de Freud é em si arbitrário, na medida em que se fundamenta na lei do mais forte (FREUD, 2006a: 101).

Segundo o mito da horda primitiva, o princípio de toda ordem social consiste na prática de um crime em conjunto – o assassinato do chefe. Após o crime emerge um sentimento de remorso nos membros/filhos que se explica pela presença não apenas de ódio, mas também de amor em relação ao chefe/pai. A isso Freud (2006a: 135) denomina ambivalência emocional. O sentimento de culpa dos indivíduos os leva a aceitar, em unanimidade, as restrições impostas antes pelo chefe. Este é elevado a Totem, a quem deveriam prestar homenagens e obrigações. A atribuição ao chefe/pai de um caráter divino seria um meio que os membros/filhos encontraram de expiar o sentimento de culpa decorrente da prática do parricídio. Desse modo, instituiu-se a ordem totêmica, embrião dos grandes sistemas religiosos e de crenças (FREUD, 2006b). A organização social totêmica não exigiria mais uma força externa e violenta a fim de garantir a obediência às normas sociais. Isso porque, cada membro do clã havia internalizado as regras impostas de fora, de modo a controlar-se a si próprio e aos demais, sem que houvesse uma força que se afirmasse pela violência física.

Para Elias o conceito de civilização em Freud é desprovido de caráter processual, ao contrário de sua concepção de indivíduo que é considerado em um processo de desenvolvimento desde a tenra infância até a idade adulta (ELIAS, 2010: 131). Talvez Elias não tivesse se dado conta de que antes dele Freud havia caracterizado a civilização como um processo peculiar de transformação dos seres humanos, no sentido de modificar sua economia psíquica modelando os impulsos instintivos conforme as exigências sociais. Segundo ele, *civilização* é um conceito estático, pois não remete a um desenvolvimento no curso da história. Seguindo sua lógica, o social na teoria freudiana surge de fatores que são para ele da ordem do mito por se afastarem muito da realidade prática e observável. Um dos alvos da crítica de Elias é a ideia de que a ordem social

necessidade de nutrição, sexual e de defesa. Trata-se, portanto, das características que aproxima os seres humanos dos animais. Pulsões refere-se aos desejos, atributo essencialmente humano.

surgiu pela “vontade” consciente dos membros da horda reunidos pelo crime praticado em conjunto. O outro ponto problemático, para ele, é conceber um início da ordem social a partir de um evento fundador – o assassinato do chefe da horda.

Em *Le concept freudien de société et au-delà* (1990) Elias (2010: 140) faz a seguinte afirmação: “Um dos principais limites teóricos de Freud se expressa em sua dificuldade em considerar o fato de que os seres humanos formam sociedades uns com os outros”. Na visão de Elias, o social na teoria freudiana, está muito aquém de seu real papel na formação das experiências dos indivíduos e de seu desenvolvimento. A sociedade não é nada mais que a soma de personalidades ou de indivíduos, agrupados em famílias (ELIAS, 2010: 138), e desse modo, não é considerada enquanto uma dimensão dotada de regularidades e lógica próprias. O estabelecimento de um evento fundador – o assassinato do chefe – como marco inicial da organização da vida em sociedade, apresenta o *social* como um produto do sentimento de culpa dos filhos. O social nada mais é que uma derivação da matéria individual e seu funcionamento, e por isso, desprovido de historicidade. No modo como se opera com os conceitos de indivíduo e sociedade, Elias identifica uma concepção reificadora como a própria expressão do *habitus social* do tempo de Freud. De maneira geral, não passava pela mentalidade da época de Freud que indivíduo e sociedade são lados diferentes de uma mesma moeda, assim como, não era corrente pensar que o indivíduo não poderia existir sem a sociedade nem a sociedade poderia existir sem o indivíduo (ELIAS, 2010: 141). Conforme a mentalidade própria ao período histórico e social no qual edificou-se a metapsicologia¹⁰ e a teoria freudiana da sociedade, era corrente conceber a relação indivíduo e sociedade como predominantemente marcada pelo antagonismo (ELIAS, 2010: 141). Logo, o indivíduo era concebido como uma esfera fechada, bem delimitada e separada de tudo aquilo que é da ordem do social. Não existia, desse modo, a percepção de que os termos indivíduo e sociedade representam os seres humanos em seus diferentes aspectos e níveis de existência (ELIAS, 2010: 142).

Em *O Mal-estar na civilização* (1930) Freud dirige-se ao problema da felicidade na sociedade civilizada, a fim de esclarecer o porquê do sentimento de profunda insatisfação dos indivíduos em relação à civilização, e indaga-se acerca dos motivos que levaram os indivíduos a sentirem-se mais frequentemente infelizes e

¹⁰ Metapsicologia refere-se à parte da Psicanálise que descreve e explica o funcionamento do psiquismo (MEZAN, 1990: 433).

insatisfeitos. Apesar de toda a capacidade humana de criar condições benéficas para uma existência mais segura e confortável, relativamente a um estado de horda, por exemplo, os homens sentem-se infelizes¹¹ (FREUD, 2006a: 101). Freud chegou a três fontes de sofrimento que atingem os seres humanos: a primeira advém do “poder superior da natureza”, ao qual todo ser humano está sujeito, sem muitos recursos para se proteger contra a força das catástrofes naturais; a segunda está ligada à fragilidade do nosso corpo, que está sujeito a males que o homem pouco pode controlar: a fragilidade humana é ainda maior com relação à inevitabilidade e certeza da morte. A terceira fonte de sofrimento é originalmente social e advém do modo como as relações humanas são reguladas. As regras criadas, com a finalidade de ajustar ou regulamentar os relacionamentos entre os indivíduos na sociedade, são inadequadas. Conforme Freud, as instituições humanas são falhas porque não garantem efetivamente a proteção e o benefício a todos os membros da sociedade humana (FREUD, 2006a: 93).

A ordem social para ser possível e viável impõe às necessidades sacrifícios que, para Freud, são um fardo quase intolerável para a economia psíquica individual (FREUD, 2006a [1928]: 16). A satisfação é possível apenas como manifestação episódica e limitada. Como a satisfação dos instintos e pulsões tem espaço na vida social somente sob uma forma transformada, o horizonte de prazer e felicidade é reduzido ao mínimo tolerável pela estrutura social. Assim as frustrações são mais comuns na vida em sociedade que o prazer e a felicidade individuais. Isso porque o termo felicidade tem um sentido específico em Freud. O estado de felicidade provém da satisfação das necessidades e pulsões fortemente reprimidas (FREUD, 2006a: 84). O preço que os indivíduos civilizados pagam com o sacrifício da satisfação instintiva e pulsional é o que Freud chama de “frustração cultural”, que por sua vez, está na base dos sentimentos de infelicidade e de hostilidade contra a civilização (FREUD, 2006a: 104).

Em seu texto de 1990, Elias (2010) concebe a repressão, nos moldes freudianos, como uma restrição a uma vida individual prazerosa e compensadora. Sem dúvida, Freud enfatiza os sofrimentos na vida civilizada, marcada mais por frustrações que por prazeres. Em meio a tantas privações e sacrifícios, Elias não vê, na teoria social de Freud, a felicidade como um horizonte possível e concreto, na medida em que a

¹¹ Refiro-me à seguinte afirmação de Freud: “O homem por, assim dizer, tornou-se uma espécie de “Deus de Prótese”. Prossegue algumas linhas à frente: “No interesse de nossa investigação, contudo, não esqueceremos que atualmente o homem não se sente feliz em seu papel de semelhante a Deus”. (FREUD, 2006a: 98).

concepção freudiana de sociedade destaca mais as privações impostas pelo outro que a possibilidade de bem-estar, conforto e felicidade que a convivência com outras pessoas pode nos proporcionar (ELIAS, 2010: 142- 143). Nesse sentido, a sociedade como agente repressor encarna a figura de um grande adversário contra todos os indivíduos.

Contrariamente a Freud, Elias acredita que a felicidade tem lugar na convivência entre as pessoas, e que a satisfação libidinal não é totalmente incompatível com a vida em sociedade. Para Elias há uma ampla variedade de prazeres e possibilidades de satisfação que a sociedade pode proporcionar e oferecer aos indivíduos (ELIAS, 2010: 170). A vida em sociedade, desse modo, não se resume a uma vida de grandes sacrifícios, levada sob o peso da repressão das pulsões. Elias (2010: 168) diz que: “Às vezes parece que Freud raciona de tal modo como se a vida em sociedade fosse totalmente incompatível à satisfação libidinal” [tradução minha]. Elias (2010: 168) afirma ser difícil justificar tal hipótese, pois segundo ele, “em diversas sociedades humanas conhecidas, muitas pessoas parecem usufruir de uma vida sexual rica” [tradução minha]. Diante de sua defesa de uma concepção histórica dos conceitos e dos fenômenos humanos, arrisco a dizer que é um tanto arbitrário o fato de Elias desconsiderar em seu texto de 1990, a historicidade da noção de felicidade, considerando a distância de quase seis décadas que separam a obra freudiana de sua última publicação.

Ainda em seu texto de 1990, Elias concebe o conceito freudiano de repressão sob dois aspectos que à luz de seu estudo sobre os processos de civilização simplificam o sentido “real” do conceito e de sua função na existência dos seres humanos. O conceito de repressão, segundo ele, restringe-se, por um lado, ao problema da infelicidade individual por limitar e impedir a satisfação das necessidades e desejos e por outro lado, aparece como a principal causa da ordem social, ou seja, sua função serve estritamente à vida em sociedade. Na visão de Elias, o grande erro de Freud foi justamente conceber que a regulação pulsional tem como única e principal função viabilizar a convivência entre as pessoas. A função dos mecanismos de regulação e autorregulação vai além de sua função social (ELIAS, 2010: 168).

Antes de estar exclusivamente a serviço da sociedade e mesmo para que esteja ao seu serviço, não se pode deixar de lado o papel desempenhado pela repressão na formação de uma estrutura psíquica peculiarmente capaz de autocontrole. Embora Freud atribua um lugar central às instâncias *ego* e *superego* na vida do indivíduo, como mecanismos fundamentais no desenvolvimento e funcionamento normal dos seres

humanos (ELIAS, 2010: 177), Elias não encontra na teoria freudiana da cultura uma noção de repressão, pensada como um fator chave no processo de desenvolvimento do ser humano como “um ser natural” (ELIAS, 2010: 151): “[...] A capacidade humana de autorregulação não possui somente valor fundamental para a sobrevivência dos grupos; ela não tem menos valor para a sobrevivência dos indivíduos ” (ELIAS, 2010: 169; tradução minha).

Na ausência de um mecanismo de repressão das pulsões, não haveria possibilidade de que o ser humano constituísse em sua estrutura de personalidade as instâncias de *autocontrole* “ego” e “superego” e, portanto, o que Elias chama de *consciência*. As instâncias psíquicas de autocontrole proporcionam ao indivíduo meios de orientação e condições para viver e agir com o mínimo de autonomia (ELIAS, 2010: 176). O *ego*, instância que faz a mediação entre a realidade psíquica e a realidade social, e o *superego*, são fundamentais para o funcionamento normal do indivíduo: o *superego* permite que o indivíduo se oriente e se comporte conforme as regras e tabus da sociedade (ELIAS, 2010: 177). A repressão, nesse sentido, está na base da formação de uma estrutura psíquica ou de personalidade, relativamente capaz de estabelecer um equilíbrio entre satisfação e o mundo social, tendo, desse modo, condições psíquicas para criar vínculos com a realidade e as outras pessoas.

Elias acusa em Freud, desse modo, uma generalização do conceito de repressão, enfatizando que esse conceito é apenas um tipo de mecanismo *específico* e variável, não uma forma geral e universal de controle das pulsões. Diante da insuficiência na maneira como a noção de repressão opera na teoria freudiana, especialmente em suas análises da cultura (ELIAS, 2010: 176), Elias aponta para a necessidade da ampliação do sentido desse conceito. No lugar de repressão, propõe o uso dos termos *regulação* e *autorregulação*. A noção de autorregulação “adequa-se melhor aos dados observáveis” (ELIAS, 2010: 167; tradução minha), pois, segundo ele, inclui outros mecanismos de orientação e controle pulsional, além da repressão, que, por sua vez, seria antes *uma* das formas de controle e não a única. O controle das pulsões não é nada além, portanto, de uma forma particular de autorregulação. Em *O Processo civilizador* (ELIAS, 2011) a modelação da fala sob a forma de linguagem e dos comportamentos constitui-se em um dos diferentes tipos de autorregulação a que alude Elias em seu texto de 1990.

Segundo Freud o termo civilização ou cultura ¹² “descreve a soma integral das realizações e regulamentos que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados animais, e que servem a dois intuitos, a saber: o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos” (FREUD, 2006a: 96). A concepção freudiana de cultura, na visão de Elias, encerra uma cisão entre o que é humano ou social, e o que é “animal” ou “natureza”. Logo, o conceito de cultura, em Freud, carrega em si uma concepção antagônica da relação entre natureza e cultura, na medida em que o processo de civilização implica no afastamento das tendências e características animais da vida social civilizada, e dos indivíduos civilizados. Na definição freudiana de cultura Elias não encontrou aspectos que remetem à origem animal ou natural da civilização. Isso significa que Freud desconsiderou, segundo Elias, que o desenvolvimento da cultura está inserido em um processo evolutivo que remonta às origens animais e, portanto, naturais da civilização. A categoria do humano na teoria freudiana aparece, nesse sentido, como uma categoria “elevada”, que ultrapassou e rompeu, digamos assim, com a sua condição e origem animais (ELIAS, 2010: 178). Vejamos outra definição freudiana de cultura em que esse ponto está ainda mais evidente: “[...] expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais [...]” (FREUD, 2006a [1928]: 15). A cisão entre o aspecto instintivo ou animal e o aspecto cultural, ou “nível pós-animal”, nos termos de Elias, não nos permite perceber que natureza e cultura são dimensões indissociáveis da existência humana.

A separação que se costuma fazer entre fenômenos “naturais” e fenômenos “sociais” perde o sentido quando consideramos a realidade em termos de níveis de integração. Em vez de classificar os fenômenos como naturais ou culturais/sociais, Elias utiliza a expressão níveis de integração, que podem ser biológicos (NIB) e humanos (NIH), dentre outros (ELIAS, 2010: 180). A matéria, dimensão mais visível e imediata, consiste em *um* dos níveis de integração pelos quais a “natureza” se manifesta. O que se costuma denominar como “meio ambiente” remete a uma noção de natureza limitada à matéria, concebida como mero objeto a ser utilizado e manipulado pelo ser humano, e que lhe é essencialmente exterior (ELIAS, 2010: 177). O uso do termo “meio ambiente”

¹² No que se refere ao uso do conceito, cabe ressaltar que civilização tem sentido equivalente ao termo cultura. Freud não faz qualquer distinção entre ambos, diferentemente de Elias que desenvolveu uma sociogênese das diferenças entre *Kultur* (cultura) e *Civilization* (civilização) em O processo civilizador – Uma História dos costumes.

expressa a ideia corrente e equivocada de que a dimensão física da “natureza” consiste em algo exterior aos seres humanos, e por isso, separada de tudo aquilo que seja da ordem do individual e humano. O esforço de Elias consiste em mostrar que a dimensão material da natureza constitui-se em uma parte dos seres humanos, como seu organismo, por exemplo.

No desenvolvimento do ser humano todo o processo de aprendizagem da regulação das pulsões, assim como, de uma linguagem específica a uma sociedade, tem como condição um potencial natural, inscrito biologicamente. Segundo Elias, a aprendizagem, de modo geral, é uma função inscrita em nossa constituição biológica, sem a qual os processos sociais de aprendizagem não teriam condições de exercerem sua função. O potencial de aprendizagem é ativado pelos processos sociais, seja de regulação da fala sob a forma de linguagem, seja sob a forma de mecanismos de regulação pulsional (ELIAS, 2010: 180). O processo de maturação biológica é desse modo, dependente de um processo social de aprendizagem, através do qual o potencial natural é ativado e desenvolvido (ELIAS, 2010: 183).

Considerando a investigação realizada em O Processo civilizador, desde a idade média até fins do século XIX houve mudanças nos costumes à mesa expressas no uso de utensílios nas refeições, primeiro de uso coletivo e posteriormente, de uso individual, assim como no costume de comer carne. O modo como Elias explica o abandono do costume de comer com as mãos e a gradual adoção de utensílios, tais como o garfo e a faca, fornece elementos que nos remetem à leitura eliasiana da Psicanálise freudiana e a sua concepção de inconsciente presente em texto de 1990.

Todas as mudanças ligadas às maneiras à mesa são facilmente explicadas por um observador do século XX sob uma lógica racional (ELIAS, 2011: 117). De acordo com o padrão de sensibilidade e expressão das emoções do século XX, a eliminação do costume de comer com as mãos ou a utilização individual de utensílios, explica-se por razões de higiene. Isso porque comer com as mãos ou fazer uso coletivo de pratos ou colheres é “anti-higiênico”, segundo nosso padrão de sensibilidade (ELIAS, 2011: 127). De acordo com Elias, a higiene ou a preocupação com a saúde não explicam porque as pessoas da segunda metade do século XVIII deixaram o costume de comer com as mãos. Segundo ele, outras explicações, com exceção daquelas pautadas em uma lógica racional, são de longe mais esclarecedoras que estas últimas (ELIAS, 2011: 117).

Na educação de crianças e jovens o padrão de comportamento e de expressão das emoções é, em um primeiro momento, imposto pela família, passando gradualmente a adquirir um caráter automático e quase “natural”, como se aqueles atributos aprendidos fossem inatos aos seres humanos e não uma construção social. Os adultos induzem modos de comportamento nas crianças, em parte por mecanismos automáticos, e em parte através dos hábitos e da conduta (ELIAS, 1993: 202). A isso Elias denomina de *segunda natureza*. Essa expressão nos remete à noção de *habitus*, utilizada por Elias para se referir “ao saber social incorporado”, ou seja, tudo aquilo que aprendemos nas experiências socializadoras e no curso do desenvolvimento e que adquiriu um caráter quase automatizado, tornando-se *segunda natureza* (DUNNING; MENNELL, 1997: 9).

“O padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mais suavemente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos inconscientes” (ELIAS, 2011: 129).

O que está na base do processo de socialização de crianças e jovens e que os fazem modificar suas formas de comportamento e adequarem-se a um padrão específico de controle e expressão das emoções? De forma bem simples podemos dizer que são os sentimentos de vergonha e repugnância dos adultos que determinam a formação de certos hábitos e formas de conduta. O que se pode observar a partir dos exemplos encontrados no primeiro volume, é que existe uma tendência a relegar aos “bastidores da cena social” àquilo que é considerado como características animais. Os comportamentos que se aproximam da “vida animal” ou “natural” são investidos de um grau determinado de sentimento de vergonha, conforme o nível de civilização (ELIAS, 2011: 134).

O comportamento das crianças, sobretudo, é “julgado” pelos adultos a partir de seu próprio padrão de sensibilidade, que por sua vez, não é compreendido pela criança (ELIAS, 2011: 135). Ela é coagida a adequar-se sem saber o porquê de tais normas. Vale ressaltar que os mesmos adultos que impõem um determinado padrão de emoções às crianças não tem mais consciência que elas quanto à origem de tais injunções, ou mesmo desconhecem que são regras criadas na dinâmica das relações humanas (ELIAS, 2011: 135). Isso acontece porque as proibições sociais expressas nas regras são reproduzidas em cada indivíduo, sob a forma de um autocontrole, que se torna, em parte automatizado e, nesse sentido, inconsciente (ELIAS, 1993: 242-245).

Elias sustenta que as mudanças nas condutas em geral, e nas formas de comportamento à mesa, correspondem ao avanço do padrão de vergonha e repugnância

que se desenvolveu inicialmente em pequenos círculos da sociedade de corte e no curso dos séculos difundiu-se para a sociedade mais ampla (ELIAS, 2011: 118). Elias explica que o sentimento de vergonha e de repugnância é, ainda hoje, em suas devidas proporções, um critério definidor daquilo que classificamos de “incivil” ou “bárbaro”: “Algumas formas de comportamento são proibidas não porque sejam anti-higiênicas, mas porque são feias à vista e geral associações desagradáveis” (ELIAS, 2011: 127-128). Desse modo, Elias afirma que “O garfo nada mais é que a corporificação de um padrão específico de emoções e de um nível específico de nojo” (ELIAS, 2011: 127). Com isso, ele quer dizer que as mudanças nos hábitos à mesa, incluindo todas as outras formas de comportamento correspondem a mudanças na estrutura psicológica ou de personalidade expressas no padrão de expressão e controle dos impulsos e emoções.

A discussão sobre o papel do sentimento de vergonha na mudança dos comportamentos nos conduz à leitura eliasiana de inconsciente.

Elias dedica um tópico ao conceito de inconsciente. Segundo *O conceito freudiano de sociedade e além* 1990 (ELIAS, 2010), o conceito de inconsciente foi, sem dúvida, uma das grandes contribuições de Freud para uma melhor compreensão dos seres humanos. A descoberta de que ações e atitudes humanas são orientadas por motivações que estão para além da consciência ou da “razão”, revelou a importância do papel das experiências esquecidas, que operam no psiquismo como forças propulsoras de sentimentos e ações que não podem ser explicadas pela lógica “razão”. Ainda segundo Elias, tais experiências não são acessadas imediatamente pela consciência porque se tornaram inconscientes. (ELIAS, 2010: 171). O inconsciente forma-se progressivamente no curso do desenvolvimento individual, desde a primeira infância, a partir das experiências e das relações entre as pessoas. Parte dos conteúdos estocados nas camadas menos acessíveis à consciência vão se tornando automatismos (compulsões) que correspondem àquilo que Elias entende por inconsciente.

Sua releitura do conceito freudiano, volta-se contra o inconsciente enquanto uma estrutura “dada e datada” que funciona como um receptáculo ou uma espécie de “um cômodo no interior” dos seres humanos (ELIAS, 2010: 171), independente do curso do desenvolvimento da pessoa ao longo do tempo e de experiências ulteriores. De forma semelhante à sua leitura da noção de civilização em Freud, o conceito de inconsciente é estático e a-histórico, por não dar conta da sociedade enquanto uma estrutura dotada de regularidades e lógica próprias.

Em *O Mal-estar na civilização* (1930) há outros dois sentidos para cultura ou civilização, além daquele já referido anteriormente. Primeiro, civilização compreende o conjunto dos produtos e bens materiais produzidos pela ação humana e todas as suas realizações no campo da moral, da religião, das artes. Segundo, a civilização edifica-se e sustenta-se sobre os ideias de ordem, beleza e limpeza. De acordo com este último sentido do termo, a ordem social é de certo modo desvinculada de objetivos meramente pragmáticos e pautados pela racionalidade, isto é, a organização dos seres humanos sob um conjunto de leis e valores sociais que está acima da vontade individual, não se assenta em aspectos objetivos, de ordem material, por exemplo. A civilização não se edificou somente sobre as bases daquilo que é imediatamente útil. Nesse sentido, o princípio da utilidade não está na base das exigências culturais e de seu desenvolvimento. Com relação à “necessidade” de limpeza e sua associação à higiene, Freud sugere que anteriormente à profilaxia científica existia uma conexão ambas. A limpeza, desse modo, não se explica pela lógica racional da prevenção de doenças (FREUD, 2006a: 100).

“Exigimos que o homem civilizado reverencie a beleza, sempre que a perceba na natureza ou sempre que a crie nos objetos de seu trabalho manual, na medida em que é capaz disso. [...] Esperamos, ademais, ver sinais de asseio e de ordem. Não concebemos uma cidade do interior da Inglaterra, na época de Shakespeare, como possuidora de um alto nível cultural, quando vemos que havia um grande monte de esterco em frente à casa de seu pai, em Stratford; também ficamos indignados e chamamos de ‘bárbaro’ (o oposto de civilizado), quando nos deparamos com as veredas do Wiener Wald [as colinas arborizadas nos arredores de Viena] cobertas de papéis velhos. A sujeira de qualquer espécie nos parece incompatível com a civilização. Da mesma forma, estendemos nossa exigência de limpeza ao corpo humano. Ficamos estupefatos ao saber que o *Roi Soleil* emanava um odor insuportável, meneamos a cabeça quando, na Isola Bella, nos é mostrada a minúscula bacia em que Napoleão se lavava todas as manhãs”. (FREUD, 2006a: 99).

O princípio da utilidade ou qualquer fim pragmático não explica de forma satisfatória os esforços humanos pela beleza, ordem e limpeza. Em seus próprios termos, “deve existir algo mais que se encontre em ação” (FREUD, 2006a: 100). Talvez, a tendência civilizadora de excluir da vista e da vida social tudo aquilo que seja “feio”, “repugnante” ou “desagradável” segundo um padrão específico de sensibilidade – patamar de vergonha e embaraço – seja uma via, dentre outras, que sinalize a influência freudiana não apenas da noção de civilização, como também de inconsciente. Vale ressaltar que me refiro, neste momento, à leitura eliasiana de inconsciente e não propriamente à noção de Freud, lembrando que Elias nem sempre buscou as concepções

freudianas dos conceitos e formulações de que fez uso em seu estudo sobre os processos de civilização.

CONCLUSÃO

Em *O conceito freudiano de sociedade e além* (ELIAS, 2010) Elias defronta-se, pela primeira vez, com a Psicanálise freudiana, com o fim de analisar criticamente e repensar alguns dos principais conceitos de Freud. Esse texto condensa em si os últimos esforços de Elias em busca de uma reorientação de um conjunto de conceitos e ensinamentos da Psicanálise freudiana nos termos de uma perspectiva processual. Buscando integrar o nível psíquico às suas investigações acerca das sociedades humanas, Elias observa a Psicanálise do interior de sua lógica, sem abdicar das questões propriamente ligadas à sua Sociologia.

Considerando os limites do presente texto, aponto alguns elementos de O Processo civilizador, sem ainda confrontar os aspectos problemáticos da apropriação e uso dos ensinamentos de Freud, que se caracteriza mais por uma compreensão literal que pelo aprofundamento nas próprias concepções freudianas tomadas em si mesmas. Tem-se a impressão de que Elias mantém-se, portanto, dentro de seu arcabouço teórico e conceitual, e orienta-se nesse sentido em sua leitura e análise da teoria social de Freud. Com base na leitura de *O processo civilizador* (ELIAS, 1993; 2011), *O conceito freudiano de sociedade e além* (ELIAS, 2010), dentre outros textos¹³, Elias deixa a impressão de que a sua apropriação da Psicanálise está mais em função de suas “necessidades” teóricas e intelectuais, sem tomar as concepções freudianas em si mesmas, ou seja, dentro do aparato teórico e conceitual freudiano. Esta é uma das hipóteses da pesquisa que deu origem a este texto introdutório ao meu tema de dissertação. O presente texto limitou-se a uma exposição de alguns elementos que indicam vias possíveis para abordar em maior profundidade a presença freudiana na Sociologia de Norbert Elias, sem neste momento realizar uma discussão distanciada e crítica dos posicionamentos de Elias.

¹³ Da mesma coletânea de textos da qual faz parte “O conceito freudiano de sociedade e além” (2010), refiro-me ao texto “Sociologia e Psiquiatria (1969-1972)” e “Civilização e psicossomática (1988)”. Em ambos os textos, Elias busca tecer relações entre os domínios da Sociologia e da Psiquiatria e Psicologia, mostrando a importância da construção de um modelo de explicação da vida humana em que os diferentes domínios do conhecimento estejam integrados, o que para Elias é condição do avanço científico e do saber acerca de nós mesmos, como indivíduos e como sociedades.

REFERÊNCIAS

BÉJAR, H. **La sociología de Norbert Elias**: Las cadenas del miedo. Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas, No. 56, Out/Dez., 1991, pp. 61-82. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40199494>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. V.1.

_____. **O processo civilizador**: Formação do estado e civilização. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. V. 2.

_____. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a.

_____. **Mozart**: Sociologia de um gênio. SCHRÖTER, M. (Org.). Tradução: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **What is Sociology?** Tradução Stephen Mennell and Grace Morrissey. New Work: Columbia University Press, 1978.

_____. **A solidão dos moribundos**, seguido de “Envelhecer e morrer”. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, [1982] 2001b.

_____. **Escritos e Ensaios**. 1. Estado, processo, opinião pública. WAIZBORT, L., NEIBURG, F (Orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. Le concept freudien de société et au-delà (1990). In : **Au-delà de Freud**: Sociologie, psychologie, psychanalyse. Paris: La Découverte, 2010. P. 131-185. Tradução do inglês e alemão por Nicolas Guilhot, Marc Joly e Valentine Meunier. Apresentação Marc Joly. Postface de Bernard Lahire.

FLETCHER, J. **Violence and Civilization** : an introduction to the work of Norbert Elias. Cambridge : Polity Press, 1997.

FREUD, S. **Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e análise do ego e outros trabalhos (1925-1926)**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1996a. Vol. XVIII.

_____. **O Futuro de uma ilusão (1928), O Mal-estar na civilização (1930) e outros trabalhos (1927-1931)**. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006a. Vol. XXI.

_____. **Totem e Tabu e outros trabalhos** (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago editora, 2006b. Vol. XIII.

_____. Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna (1908). In: _____. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)**. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006c. Vol. IX. P. 167-186.

_____. **O caso de Schreber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos** (1911-1913). Rio de Janeiro: Imago editora, 1996b. Vol. XII.

_____. O método psicanalítico de Freud, Sobre a psicoterapia, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago editora, 1996c. Vol. VII.

_____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução Paulo Dias Corrêa. Rio de Janeiro: Imago, 2002. 120p.

_____. A história do movimento psicanalítico (1914), Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). In: **A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos** (1914-1916). Rio de Janeiro: Imago editora, 1996d. Vol. XIV.

_____. Por que a guerra? In: **Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise** (1933 [1932]). Rio de Janeiro: Imago editora, 1996e. Vol. XXII.

_____. Psicanálise (1926) [1925]. In: **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, a questão da análise leiga e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. Vol. XX.

_____. Esboço de Psicanálise. In: _____. **Moisés e o monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. Vol. XXIII. P. 153-221.

_____. O Ego e o Id (1923). In: **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006d. Vol. XIX. P. 25-85.

_____. **Cinco lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos** (1910). Rio de Janeiro: Imago, 2006e. Vol. XI.

_____. Luto e melancolia (1917). In: _____. **Escritos sobre a Psicologia do inconsciente**. Tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. Vol. 2.

GAY, P. **Freud**: Uma vida para nosso tempo. Tradução: Denise Bottmann. 5.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LAHIRE, Bernard. Postface. Freud, Elias et la science de l’homme. In : ELIAS, N. **Au-delà de Freud**: Sociologie, psychologie, psychanalyse. Paris: La Découverte, 2010.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J.B. **Vocabulário da Psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 1977.

MENNELL, S. **Norbert Elias**: an introduction. Dublin: University College Dublin Press, 1992.

_____. DUNNING, E. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, N. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus no século XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

MEZAN, R. Às voltas com a história. In: **Freud, pensador da cultura**. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. P. 430-646.

WAIZBORT, L. **Dossiê Norbert Elias**. São Paulo: Edusp, 2001.